

O AUTOR E SEUS PROBLEMAS (*)

Eugène Ionesco

“Por que é que o senhor escreve?” — é uma pergunta que fazem freqüentemente ao escritor.

“Vocês deveriam saber” poderia responder-lhes o escritor.

“Vocês deveriam saber, visto que nos lêem, pois se vocês nos lêem e continuam a nos ler, é porque encontraram em nossos escritos o que ler, algo como um alimento, algo que corresponde a uma necessidade. Mas por que vocês têm essa necessidade e que espécie de alimento somos nós? Se sou escritor, por que você é meu leitor? É em você mesmo que você vai encontrar a resposta à pergunta que me faz. O leitor ou o espectador responderá, esquematicamente, que ele lê ou vai a um espetáculo para se instruir ou para se divertir. De um modo geral, essas são as duas respostas possíveis. Instruir-se: isto quer dizer saber o que é quem escreve e o que ele escreve; ou então, alguém mais modesto diria que é para achar respostas para as questões a que ele próprio não consegue responder. Quem quer divertir-se, isto é, esquecer as preocupações do dia, alegrar-se com a beleza do que lê ou vê, vai acusar-nos de aborrecê-lo, caso lhe pareça que queremos instruí-lo ou doutriná-lo. Quem quer instruir-se, — caso lhe pareça que queremos diverti-lo, talvez até às suas custas, e distraí-lo — poderá criticar-nos por não darmos respostas a todos os problemas que ele próprio não pode resolver. A partir do momento em que alguém escreve um soneto, um “vaudeville”, uma canção, um romance, uma tragédia, os jornalistas passam a assediá-lo para saber qual a sua opinião sobre a canção ou a tragédia, o socialismo, o capitalismo, o bem, o mal, a matemática, a astronáutica, a teoria quântica, o amor, o futebol, a culinária, o chefe de Estado. “Qual é a sua concepção de vida e da morte?”, perguntou-me um jornalista sul-americano

(*) — Tradução: Grupo de alunos do 1º e 2º anos do Curso de Tradução (Francês) USP — agosto de 1982: Almerinda R. Robin, Elza T. Mariano, Ermantina G. Gomes, Maria do Carmo Savietto, Myriam Arruda Campos, Olgo H. Shimabukuro e Vera Lúcia O. Nitsch. Revisão: Maria de Lourdes Rodrigues e Mário Laranjeira.

no momento em que eu descia as escadas do navio com as malas na mão. Coloquei as malas no chão, enxuguei o suor do rosto e pedi que me desse vinte anos para refletir sobre a questão, sem, contudo, poder garantir que ele terá a resposta. “É o que pergunto a mim mesmo”, disse-lhe eu, “e escrevo justamente para me fazer essa pergunta” Peguei de novo minhas malas, achando que o havia decepcionado. Nem todos têm a chave do universo no bolso ou na mala. Se um escritor, um autor me perguntasse por que eu leio, por que vou a um espetáculo, responderia que vou, não para adquirir conhecimento, mas, simplesmente, para travar conhecimento com esta coisa, com este alguém que é a obra. Minha curiosidade de saber, dirijo-a à ciência e aos cientistas. A curiosidade que me leva ao teatro, ao museu, à seção de literatura de uma livraria é de outra natureza. Quero conhecer o rosto e o coração de alguém que poderei amar ou não amar.

O escritor fica embaraçado com as perguntas que lhe fazem porque ele também as faz para si mesmo, estas e muitas outras, e porque ele acha que há outras ainda que ele poderia fazer, mas que nunca chegará a fazer; muito menos a responder.

Em sua solidão, longe dos jornalistas e dos doutrinadores aliados em geral, todo homem, inclusive o escritor, respira. Às vezes ele se pergunta, às vezes não, por que respira. Interrogando-se ou não, ele não pode deixar de respirar. O escritor não apenas respira, mas, já que é escritor, escreve. Só depois de ter começado a escrever é que ele se interroga sobre a finalidade e a razão do que está fazendo. Ele se pergunta, então, falando para si mesmo, sem interromper seu trabalho (como um marceneiro que reunisse o material necessário para fazer um armário, continuando embora a pensar em seus problemas ou mesmo no que vem a ser um armário, sem que esses problemas o interrompessem na feitura do armário): Por que é que eu escrevo? (1) O que isto significa? Será que tenho alguma coisa a mais do que os outros homens para dizer? Será que eu quero me afirmar, isto é, justificar a minha existência? Será por ter medo da morte e desejar continuar a viver nos outros após minha morte física? Para salvar o mundo? Para salvar a mim mesmo? Para louvar a Deus ou glorificar o universo? Para tentar enxergar mais claro dentro de mim mesmo, investigar-me, compreender-me, explicar-me? Será por que não me compreendo e desejo as explicações dos outros? Será porque eu me sinto só

(1) — Existem obras que são apenas reflexões, interrogações sobre si mesmas. Podemos citar como exemplos os poemas de Mallarmé, Valéry, etc. Entretanto, parece-nos que as indagações da obra sobre si mesma separam-se dela e do poeta indagador e se tornam simples material, como outros, na obra que se cria, elementos constitutivos do “monumento”, de sua estrutura.

e quero romper esta solidão e comunicar-me ou confraternizar-me com meus semelhantes?

Será que são falsas todas as razões que acabo de enumerar e outras, secretas, me impelem a fazer uma coisa que as razões aparentes desconhecem, dissimulando apenas, voluntária ou involuntariamente, a razão profunda? Será por desejar entender o mundo que eu quero colocar, pelo menos para mim, um pouco de ordem neste imenso caos? E por ser a escrita, a arte uma forma de pensamento em movimento? Ou será simplesmente porque a criação é uma necessidade instintiva, extraconsciente, porque imaginar, inventar, descobrir, criar é uma função tão natural quanto a respiração? Será por eu desejar brincar e, neste caso, qual será o significado disso?

O próprio autor saberá realmente o que ele faz? Tenho a impressão de que ele é também vítima de um engodo. Ele tem intenções conscientes, por certo. Aplica-se, por exemplo, em provar alguma coisa. Acredita que o que pretende provar é o essencial de sua obra. Depois percebe, ou então alguém percebe que a afabulação é mais importante do que aquilo que considerava essencial, que o que ele queria provar não interessa e que só tem interesse a maneira pela qual ele queria provar ou a construção. Seria desejo do autor simplesmente construir uma espécie de edifício que não fizesse mais do que materializar e manifestar as leis da construção literária ou teatral tal qual o construtor que, no fundo, não faz mais do que materializar e concretizar as leis da arquitetura? Depois de desativado, um templo deixa de ser um local de culto, podendo transformar-se em hospital, delegacia ou ficar vazio, mas ele permanece, em sua essência, um edifício, uma obra de arquitetura e não um templo; na realidade, ele nunca foi um templo, apenas *serviu* de templo, assim como uma obra poética, dramática, etc., pode ser utilizada temporariamente como instrumento de propaganda, obra didática, de reeducação política, etc. Os poderes farão dela o que quiserem; não a impedirão de ser o que ela é: um edifício vivo, criação. Acontece que a obra do escritor é cheia de problemas, de intenções de toda espécie, de tomadas de posição, é crítica da sociedade, da condição humana. O autor pensava também que não ia falar de si mesmo e, sem querer, ele se expõe. E a qualidade essencial da obra será constituída justamente pelas confissões que lhe terão escapado. Até mesmo essas confissões serão interpretadas contraditoriamente, deturpadas, sem dúvida. Serão dirigidas talvez contra o autor, mas isto já é outro assunto.

Eu sei. Todas essas questões já foram formuladas e filósofos, teólogos, psicólogos, sociólogos esforçaram-se por dar-lhes resposta. Milhares de livros já debateram tais problemas.

Acho que todas as razões que acabo de expor são falsas e são verdadeiras. Verdadeiras se adotadas todas, falsas se adotada apenas uma ou algumas delas. Levaria tempo, mas não me seria, talvez, muito difícil escolher uma ou outra dessas razões e defendê-la, apoiando-me numa filosofia, numa ou noutra teoria e numa bibliografia. Tenho consciência também do risco em que incorro procurando responder sozinho. Vou dizer o que já foi dito e nada de novo nem de interessante sairá, talvez, de meu testemunho. Mas é preciso correr este risco. Pior para mim, pior para vocês.

Os impulsos mais contraditórios ou complementares, tudo me leva a escrever: o orgulho, a vontade do poder, a detestação, o desejo de me redimir, o amor, a angústia, a nostalgia, o desatino, a confiança, a falta de confiança, a certeza do que afirmo, a incerteza, o desejo ardente de ser esclarecido, o desejo de esclarecer, o divertimento mas se é para me divertir, por quê, então, esta dificuldade, este cansaço insuperável quando estou trabalhando? —, a humildade. Parece-me que tudo isto está contido e se vê nas obras literárias e que elas o dizem melhor do que o próprio autor poderia fazê-lo quando fala a respeito. Talvez fosse melhor calar-se? Mas, então, estaríamos abordando um outro problema: deve-se agir ou não se deve agir, deve-se viver ou não se deve, é preciso fazer algo? pois todos nós sabemos que escrever é também agir. Serei eu a voz de um único indivíduo? O que invento ou creio inventar, o que descrevo, o que descubro ou creio descobrir será arbitrário? Existe uma necessidade? Tem-se necessidade desta obra? Tem-se necessidade de quem quer que seja? Estou sendo solicitado ou estou me impondo? E, neste caso, com que direito? Qualquer outra pessoa não poderia estar em meu lugar? É evidente que o autor é interpretado, julgado, aceito ou repellido, que ele é um instrumento do concerto e que o concerto existe. Conta-se com ele. Mesmo que seja para negá-lo. Não se nega o que não existe. O autor diz para si: eu sou, portanto, com os outros; se eu sou com os outros, isto quer dizer que sou também os outros, que outros falam pela minha voz, que eu sou muito mais os outros do que eu próprio. Mas que quer dizer ser eu próprio? Serei eu, simplesmente uma encruzilhada, um liame onde forças diversas se unem e se confrontam? Ou serei eu um ser único e, justamente por isso, cause surpresa e sou levado a verificar objetivamente que desperto interesse? Talvez um e outro? Mas isso é ainda um problema diferente. O que é ser si-mesmo? Este si-mesmo que é, é absoluto? é relativo? Este “eu” (que pensa, é claro), este ego. não posso defini-lo; este pensamento meu é, talvez, um pensamento determinado pelos outros. Somos cada um de nós intercambiáveis ou insubstituíveis? Seja uma

coisa ou outra, ou então, uma e outra, isso parece justificar suficientemente o autor de estar aqui, de dizer ou tentar dizer alguma coisa. Este pensamento afasta o mal-estar que ele poderia sentir de estar aqui; se escrever, agir, é uma manifestação de orgulho, não querer escrever, agir, fazer, ainda pode ser orgulho.

Antes de tudo, devo confessar pessoalmente que a teologia ou a filosofia não me fizeram compreender por que existo. Também não me convenceram que se deva fazer alguma coisa desta existência e que se deva ou que se possa dar-lhe um sentido. Não me sinto pertencer inteiramente ao mundo. Não sei a quem o mundo deve pertencer e, todavia, não me venderei nem venderei o mundo a ninguém. Se, mesmo assim, sinto-me um pouco daqui, é simplesmente porque, à força de existir, a isso me habituei. Tenho antes a impressão de que sou de outro lugar. Se soubesse qual é esse lugar, seria bem mais fácil. Não vejo como se pode responder a esta pergunta. O fato de ser tomado por uma incompreensível nostalgia seria, contudo, o sinal de que existe um outro lugar. Este outro lugar é, talvez, se assim posso dizer, um “aqui” que não encontro; o que procuro não está, talvez, aqui. Alguns responderam ou acreditaram poder responder e dar a solução. Fico feliz por eles e os felicito. Quanto a mim, constato portanto simplesmente que eu estou aqui, este “eu” difícil de definir, e é justamente para exprimir, para dar a conhecer o meu espanto e a minha nostalgia que escrevo. Este é um primeiro ponto assentado.

Quando passeio pelas ruas de Paris e vagueio pelo mundo, é meu espanto e minha nostalgia que eu passeio. Parece-me que não tenho pontos de referência; outras vezes, parece-me ter alguns. Eles me parecem pouco estáveis, mutáveis, acabam por se esvaír. Vocês devem ter notado, com toda evidência, que já caí em contradição. Será porque não soube pôr ordem nesta contradição ou nas contradições? Será porque vivemos em vários planos de consciência e estes são contraditórios? Uma vez mais, acredito que as duas coisas são verdadeiras. De tempo em tempo, creio crer, penso que penso, tomo partido, escolho, combato e, quando o faço, faço-o com veemência e obstinação. Mas há sempre em mim uma voz que me diz que esta escolha, esta veemência, esta afirmação não têm fundamento seguro, absoluto; que deveria renunciar a elas. Não tenho sabedoria bastante para ligar meus atos à minha incerteza profunda. Por que tudo isso? Estas perguntas, cada um as faz a si mesmo, quando está só. Nesta perplexidade angustiante, o escritor escreve. E este é um segundo ponto assentado. Todos nós o percebemos.